

A UTILIZAÇÃO DE ELEMENTOS LÚDICOS NO ENSINO DA HISTÓRIA PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Suzana Rebeca da Silva Lima

Graduada em História – UFPE

Palavras-chave: EJA, lúdico, História

Os alunos que procuram o programa de Educação de Jovens e Adultos para retomar os estudos ou iniciar a escolarização o fazem por diversos motivos que estão ligados tanto ao seu desenvolvimento cognitivo (aprender a ler e escrever), quanto a interesses externos (carteira de estudante, ócio, etc.). Entretanto, muitos jovens e adultos relatam outras conquistas alcançadas: “avaliam que ganharam autoconfiança, que não têm mais vergonha de falar, que passaram a entender melhor as coisas.” (SESC EDUCAÇÃO: 34). Nesse sentido, os Estudos da Sociedade e da Natureza – proposta curricular do MEC para o primeiro segmento – e a História – para o segundo segmento – proporcionam ferramentas capazes de contribuir para que o aluno possa desenvolver o espírito investigativo e o debate de idéias.

Em nossa experiência como professora para o primeiro segmento da EJA, contudo, encontramos dificuldade em refletir sobre as mudanças que ocorreram na sociedade ao longo da História por três motivos básicos: a) eram alunos de zona rural e sentiam necessidade de um trabalho mais concreto, menos abstrativo; b) muitos deles trabalhavam durante todo o dia no plantio da cana e se sentiam sonolentos à noite, no horário da aula; c) boa parte estava na escola para aprender a ler e escrever e por isso não se interessava quando percebia que a aula era mais de “História” que de “Português”.

Destarte, encontramos no elemento lúdico uma forma de “chamar a atenção” dos alunos para os assuntos referentes à História e, ao mesmo tempo, levá-los à reflexão. Neste ponto, encontramos outro entrave por parte dos discentes. Huizinga (1993: 10) afirma que “[...] para o indivíduo adulto e responsável, o jogo é uma função que facilmente poderia ser dispensada”. Assim sendo, quando propúnhamos atividades menos “sérias”, muitos se recusavam a participar porque não sentiam como se pudessem aprender daquela maneira. E embora nós argumentássemos em favor da atividade, na prática, esses alunos achavam uma “perda de tempo”. Muitos pediam para fazer outra atividade, enquanto os demais alunos “brincavam”, criavam, conversavam.

Pretendemos aqui analisar a importância do elemento lúdico na Educação de Jovens e Adultos, aplicando-o em especial ao ensino da História.

Por uma prática pedagógica mediada pela ludicidade

Para além da visão positivista do ensino, a dimensão lúdica da prática pedagógica nos mostra que as contribuições desta ultrapassam a sensação de liberdade e superação e

possibilitam promover “[...] o desenvolvimento físico/mental, a interação/emotividade/afetividade entre os participantes [...], o desenvolvimento da capacidade de adaptação, socialização, pois no momento das atividades lúdicas, os sujeitos são, a todo instante, solicitados e desafiados a adaptar-se, a solucionar problemas relacionados ao espaço físico, ao tempo, ao ritmo, às capacidades e habilidade físico/mentais, aos limites e às regras. (HOLMES, 2006: 123).

A utilização do lúdico também se justifica ontologicamente, uma vez que o jogo, afirma Huizinga (Op. cit: 3 – 4), é uma *função significativa*, ou seja, não é meramente instintivo. Todo jogo significa algo e transcende o material, encerra em sua essência um elemento não concreto, a que Huizinga chama de “espírito” ou “vontade”. É possível que depois de uma atividade que se pense “meramente recreativa”, ocorra um debate em sala de aula que possibilitará melhor compreensão dos conteúdos estudados. E por isso falamos em prática *mediada* pela ludicidade. O papel deste elemento é exatamente articular os saberes experienciais com os científicos, conferindo maior prazer e motivação no processo de aprendizagem.

A utilização da dimensão lúdica possibilita também a construção da afetividade, expressada pelas relações solidárias, ao mesmo tempo em que permite a autonomia dos indivíduos.

É necessário, entretanto compreender que essa dimensão lúdica deve ser adaptada de acordo com a faixa etária com que se está trabalhando. Vejamos algumas particularidades para a Educação de Jovens e Adultos.

O lúdico na Educação de Jovens e Adultos.

Primeiramente, é necessário compreender que lúdico não é sinônimo de infantil. Percebemos em nossa prática que uma das maiores queixas dos alunos da EJA é que muitas vezes as atividades são infantilizadas, o que gera desconforto nos discentes e, por extensão, nos docentes. Em algumas atividades, chegamos a ouvir dos alunos algo como “professora, isso é atividade para menino pequeno”. Muitos se sentiram ofendidos, pois a atividade era “fácil demais”. Desta forma, a dimensão lúdica perde sua razão de ser, pois deixa de ser instigante, convidativa, competitiva para se tornar uma atividade inócua. É necessário observar as especificidades que esta modalidade exige.

O trabalho com atividades lúdicas na Educação de Jovens e Adultos demanda ainda mais esforço do professor porque para realizá-lo plenamente ele deve conhecer a cultura da comunidade em que a escola está inserida, suas práticas, manifestações sociais, tradições, etc. Do contrário, o professor poderá propor algo que desagrade à maioria dos alunos. Em uma de nossas aulas, propusemos uma atividade que envolvia música, movimentos corporais e reflexão. Algumas alunas não se sentiram confortáveis para participar, uma vez que muitas faziam parte de uma religião cuja doutrina condenava movimentos corpóreos em público. Algumas atividades com música também não eram bem vindas, especialmente quando se tratava de músicas que

demandavam maior reflexão, uma vez que a comunidade preferia as de cunho religioso ou, para os demais alunos, estilos musicais tais qual o chamado “brega” ou forró.

Outra grande questão é dimensionar o teor de dificuldade dessas atividades. Toda sala de aula, independente da faixa etária, nível ou modalidade de ensino será heterogênea. Entretanto, na Educação de Jovens e Adultos, os alunos já possuem toda uma história de vida que poderá justificar entraves, desânimos, rispidez, etc. Assim, é necessário que o professor, enquanto estiver elaborando as atividades, considere os níveis de compreensão dos diferentes alunos, sob pena de fazer um trabalho que atenda a minoria.

Especialmente para o primeiro segmento, as atividades lúdicas devem estar sempre atreladas ao processo de letramento. Assim, ainda que o professor opte por trabalhar História, Matemática ou até mesmo Educação Artística, é importante que as atividades estejam contextualizadas dentro de uma dinâmica alfabetizadora. Isso pode tornar a atividade ainda mais estimulante. Em uma de nossas aulas, por exemplo, estávamos discutindo sobre a Mata Atlântica e como ela vem sendo desmatada desde a colonização. A partir daí, pudemos abordar questões como a presença portuguesa à época do chamado descobrimento e trazer questões atuais, refletindo sobre o que a sociedade hoje tem feito para a preservação do meio ambiente. Depois de breve discussão, seguimos com a leitura de um texto que “contava” a História da Mata Atlântica. O texto em questão era bastante extenso e estava projetado no quadro pelo retroprojetor. Nossa idéia inicial era que cada aluno lesse uma parte do texto e depois discutiríamos sobre ele. Ao final da leitura, entretanto, optamos por pedir que os alunos circulassem no quadro as palavras que falávamos. Por se tratar de uma turma de 1º e 2º ciclos, alguns alunos ainda sentiam extrema dificuldade em ler e a atividade proposta se tornou bastante instigante. Para os que já conseguiam ler com facilidade, a “diversão” foi ajudar os colegas que não estavam conseguindo encontrar as palavras. Ao final da atividade, os alunos elogiaram-na e se mostraram bem mais interessados pelo conteúdo trabalhado naquele dia. Assim, percebemos também que a ludicidade possibilita aos alunos maior abertura para a aprendizagem.

O lúdico, em EJA, não pode ser utilizado apenas para “passar o tempo” ou “descontrair”. Mesmo que o objetivo principal seja a descontração, ao final da atividade é importante que o professor contextualize-a ao máximo possível.

Outro ponto que gostaríamos de destacar é que os alunos da EJA, no geral, apresentam auto – estima muito baixa por diversos fatores. A atividade lúdica promove “[...] a auto-estima e favorece o desenvolvimento da linguagem, pois alguns alunos têm dificuldades de comunicar-se e através dos jogos e brincadeiras as idéias fluem com naturalidade. Assim, é possível compreender o outro, amar e sentir-se aceito pelos colegas respeitando e compartilhando seus anseios, suas dúvidas e desejos.”(OLIVEIRA, RODRIGUES, SOUZA et al., 2007: 7).

A proposta do MEC para o ensino de História na EJA

Como citamos anteriormente, para o primeiro segmento do Ensino Fundamental não há um conteúdo voltado diretamente para a História. Existe a área de Estudos da Sociedade e da Natureza, cujo objetivo principal é fornecer ferramentas para que o aluno da EJA possa compreender a realidade que o cerca e analisá-la criticamente e desta forma inserir-se de maneira consciente e participativa.

Os blocos de conteúdos sugeridos para esta área são: *o educando e o lugar de vivência*, que possibilita a reflexão sobre a organização política e a ação estatal a partir da relação do aluno com o meio em que está inserido. Neste conteúdo é importante que o professor se utilize da memória coletiva e individual, a fim de construir com os alunos a História da localidade; *o corpo humano e suas necessidades*, relacionado às funções biológicas do organismo; *cultura e diversidade cultural*, que objetiva promover reflexão sobre os diversos tipos de cultura e o respeito para com aqueles que não fazem parte da mesma cultura. Em especial na zona rural, este é um eixo temático bastante difícil de ser trabalhado, uma vez que pela própria faixa etária, muitos tabus, regras e costumes já estão calcificados e por isso alguns alunos apresentam certa dificuldade em aceitar “o novo” ou “o diferente”. Enfrentamos essa questão diversas vezes. À época dos festejos juninos, a escola em que trabalhávamos pediu a um professor de dança que ensaiasse com os nossos alunos a “quadrilha”. Muitos alunos se recusaram a ensaiar porque alegavam que o professor “tinha um jeito estranho”. Na sala de aula também enfrentamos problemas por causa das crenças dos discentes. Alguns eram evangélicos e não queriam participar das atividades juninas, o que gerava um mal estar na sala de aula. O próximo bloco de conteúdo é *os seres humanos e o meio ambiente*, que procura trazer a questão da consciência ecológica e do consumo e desenvolvimento sustentáveis; *as atividades produtivas e as relações sociais*, bloco em que o MEC sugere que sejam introduzidas periodizações históricas [...] relativas à História do Brasil, ampliando-se as possíveis conexões entre as atividades produtivas e outras dimensões da cultura”. O último bloco intitula-se *cidadania e participação*, que oferece a possibilidade de discutir a organização política *per si* e a evolução das atuais estruturas de poder.

A área de Estudos da Sociedade e da Natureza, no que concerne à dimensão histórica, objetiva, de acordo com a Proposta Pedagógica do SESC LER (op. cit: 38, 39): “ Recuperar a história pessoal por meio de relatos orais, escritos, desenhos ou dramatizações, valorizando positivamente sua [do aluno] experiência de vida [...] Observar mudanças ocorridas na região, recuperando seu passado por meio de relatos orais de moradores antigos ou de fontes documentais.” No bloco de *cultura e diversidade cultural* é possível ainda, de acordo com a mesma proposta: “ Observar mudanças ocorridas em aspectos da cultura no passado e no presente e reconhecer a própria cultura e a de sua comunidade como parte do patrimônio cultural [e histórico] da sociedade brasileira”.

Na proposta do MEC para o segundo segmento do ensino fundamental (2002: 3), a importância do ensino da História para EJA é colocada como remetente a duas questões: “a

primeira refere-se à posição ocupada por essa modalidade de educação no âmbito das políticas educacionais e no próprio contexto escolar ao longo da história da educação brasileira. A segunda exige compreender como, para essa modalidade de educação, construiu-se (ou não) uma especificidade de objetivos, conteúdos e métodos para o ensino de História, nas relações entre esse ensino, a instituição escolar e a sociedade.”

A proposta curricular para as turmas iniciais do segundo segmento estão arranjadas em um eixo temático – *relações sociais e trabalho: migrações e identidades* – subdividido em dois subtemas, a saber: *migrações, cultura e identidade* e *trabalho e relações sociais*. Para as turmas em continuidade o eixo é: *relações de poder, conflito e cidadania*, com os subtemas *relações de poder e conflitos sociais* e *cidadania e cultura contemporânea*. Na proposta, o MEC sugere que o professor busque novas formas de abordagem da História, em detrimento da velha “História tesoura e cola”. Na Educação de Jovens e Adultos é primordial a utilização de novos mecanismos de ensino-aprendizagem a fim de estimular os alunos que muitas vezes vêm de uma jornada cansativa de trabalho e, como tantos outros, não vêm muito sentindo em “aprender História”.

O lúdico e o ensino de História: relatos de uma experiência

Em minha vivência como professora do 6º ano, percebi que mesclar a História com a imaginação dos alunos foi uma experiência sobremaneira proveitosa. Os alunos se mostraram bastante receptivos não apenas ao RPG, mas a todo tipo de atividade que pudesse mexer com a imaginação e a criatividade deles.

Quando decidi ensinar para jovens e adultos, acreditava que seria possível aplicar a mesma didática com esses novos alunos. Entretanto, além do fato deles não se sentirem confortáveis para interpretar ou imaginar, eles não gostavam de atividades que fossem tão aparentemente lúdicas (a não ser quando se tratava de jogos matemáticos e de raciocínio).

Destarte, nossas primeiras aulas trabalhando com História restringiram-se à leitura de textos que continham pequenos fatos sobre a história da televisão ou do futebol, por exemplo.

Nossa primeira discussão mais “calorosa” aconteceu quando da semana do índio. Pedi aos alunos que observassem um quadro sobre a chegada dos portugueses ao Brasil e em seguida interpretassem cada um à sua maneira, o que estavam vendo. Alguns dias depois, visitamos uma reserva indígena no município de Pesqueira. Em sala de aula, pedi que os alunos descrevessem cada um **com** uma palavra o que acharam dos índios. Em seguida, nossa idéia era que construíssemos juntos um poema com aquelas palavras e expressões. Entretanto, começaram a aparecer adjetivos como “preguiçoso” e expressões tais qual “gostam de safadeza”. Ao questioná-los sobre o porquê dessa visão, os alunos justificaram que: a) a reserva indígena era tão grande e quase não tinha alimento plantado; b) a quantidade de crianças na reserva era muito grande. Procurei respeitar a opinião dos alunos, mas não sem antes mostrar argumentos que suscitariam dúvidas quanto às primeiras afirmações.

Noutro conteúdo em que aliamos a História ao lúdico passamos uma semana inteira trabalhando sobre a televisão, sua influência e sua história. A partir desse tema, pudemos elaborar atividades de português e matemática também. Ao final da semana, sugeri (com muito receio) que os alunos se reunissem em dois grupos e discutissem a televisão “antes” e agora, as influências, a história, etc. Um grupo ficou responsável por defender a televisão e o outro responsável por acusá-la. Fiquei bastante surpresa porque alguns alunos chegaram mesmo a interpretar, como se fosse um júri, algo que eu não esperava. Este exercício mostrou que a atividade lúdica, como afirmou Oliveira (op. cit) permitiu maior abertura e assimilação dos conteúdos trabalhados durante toda a semana.

Por ocasião das Olimpíadas de Pequim, trabalhamos um pouco da história da China. Numa das aulas, resolvi ler um conto chinês e pedi que os alunos interpretassem e me apontassem diferenças ou semelhanças entre aquele conto e os contos ocidentais. A atividade não surtiu muito efeito porque à medida que fui lendo o conto, alguns alunos começaram a dormir. Na semana seguinte, levei um texto sobre a história da China e pedi que eles lessem, depois fizemos um jogo que consistia em desembaralhar algumas palavras do texto. Os alunos gostaram bastante, especialmente pela questão do desafio, do enigma, que segundo Huizinga (op. cit.: 125) “[...] é considerado [...] um elemento importante das relações sociais. Como forma de divertimento social se adapta a toda espécie de esquemas literários e rítmicos.” O lúdico, nesse sentido, confere não apenas sensação de desenvolvimento pessoal, mas também a de superação, possibilitada pelo desafio.

Considerações finais

A Educação de Jovens e Adultos demanda algumas especificidades que no geral só podem ser compreendidas com a prática. A bibliografia e os manuais sobre “como trabalhar” ou “o que fazer” nem sempre se aplicam em determinada sala de aula. Muitas vezes o professor tem de descobrir por si os conteúdos e como abordá-los. Nossa experiência nos mostrou, entretanto, que o elemento lúdico é essencial, pois através deste os alunos se mostraram mais dispostos à aula, interagiram com colegas que no dia-a-dia não interagiam e enquanto as atividades estavam sendo desenvolvidas, os alunos pareciam se esquecer das dificuldades que diminuía a auto-estima.

Em uma das atividades de Matemática, por exemplo, um dos alunos que menos participava das aulas desta disciplina ganhou o jogo que propusemos. Foi importante pra ele e isso se refletiu posteriormente. Nas semanas seguintes ele não se negou a assistir às aulas e fazer as atividades.

Assim sendo, é necessário não deixar o elemento lúdico de lado, não se esquecendo, entretanto, de que tal elemento não deve ser infantilizado. Não podemos nos esquecer também que uma das características fundamentais do jogo é o fato de ele ser livre (HUIZINGA, op. cit.:

11). Nenhuma atividade lúdica deve ser colocada como obrigação, especialmente quando se trata de EJA.

O lúdico é uma “evasão da vida” para a temporalidade da atividade que está sendo proposta. Faz parte da dimensão humana e por isso é importante aliar essa dimensão à *práxis* pedagógica. É um desafio constante apresentar propostas de prática pedagógica escolar que envolvam a relação entre a ludicidade e a educação.